EXPLORAÇÕES COM KRISHNAMURTI

Apar das palestras públicas de Krishnamurti, são também muito conhecidos os seus diálogos com pensadores importantes do século XX como Renee Weber, Iris Murdoch, Jonas Salk, David Bohm e Huston Smith. Nos intervalos dessas centenas de reuniões, Krishnamurti estava igualmente disponível para entrevistas privadas e conversas com quem desejava conhecê-lo. Estas não eram gravadas e quaisquer anotações eram desencorajadas.

Aqui, estão compiladas sessenta dessas conversas, nunca publicadas, recuperadas e escritas por Krishnamurti no final da década de 1960 e no início da de 1970. Contêm inquéritos profundos a respeito do eu e da consciência, das qualidades essenciais da boa educação e das mentes meditativa e religiosa.

O livro está dividido em três partes, representando amplas explorações nas áreas da vida, da aprendizagem e da meditação, salientando a abordagem radical de Krishnamurti a cada uma delas.

PREFÁCIO

Conheci Krishnamurti em Roma em 1968, quando trabalhava num filme com Federico Fellini, o grande realizador italiano. Eu não falava italiano, pelo que me disponibilizara uma intérprete, que por acaso também era a sua astróloga pessoal. Um dia, ela disse-me: «Foi convidado para um almoço com Krishnamurti.»

«Quem é Krishnamurti?», perguntei.

Então ela retorquiu, numa voz abafada, como se eu devesse sabê-lo: «Bem… você sabe… é Krishnamurti.»

«*Okay*, é um realizador de cinema?», insisti.

«Não, não», disse ela, «é um sábio *[sage]*.»

Na altura, eu tinha vinte e sete anos e era famoso, mas na verdade não passava de um espertalhão do East End a tentar singrar. A única *sage* [sábio ou salva] que conhecia era a que entrava no recheio dos assados da minha mãe... Mesmo assim, estava suficientemente interessado em ir àquele almoço. Passar-se-iam anos, porém, até descobrir a razão que ali me conduzira.

Fellini tinha um argumento fantástico que queria filmar.

Em todo o caso, faltava-lhe dinheiro, portanto, pediu auxílio a Vanda Scaravelli, a eminente professora de ioga e muito bem-relacionada figura social.

Ela conhecia Krishnamurti, e Fellini pediu-lhe que lho apresentasse na próxima vez em que estivesse em Roma, presumindo eu que tivesse pensado que isso poderia providenciar-lhe fundos para o filme.

Alguns meses depois, Krishnamurti estava em Roma, pelo que ela lhe marcou um encontro. Sabendo que ele adorava filmes, Fellini

cortou quinze minutos de imagens não editadas do que estávamos a fazer. Então mostrou-lhas, para quebrar o gelo, e aparentemente, quando o pequeno filme terminou, Krishnamurti disse: «Queria conhecer aquele rapaz» — portanto, eu —, razão pela qual fui convidado para o almoço.

O local encheu-se, mas, ainda assim, fiquei sentado numa mesa em frente de Krishnamurti. Não nos falámos de todo. Porém, porque eu o olhava fixamente, ele continuava a manter, por delicadeza, os olhos baixos. Lembro-me de pensar que nunca tinha conhecido ninguém assim. Era invulgar. Então, depois do almoço, ele respondeu a perguntas dos jornalistas presentes, e o seu secretário, Alain Naudé, aproximou-se de mim e disse-me: «Quer ir dar um passeio com Krishnamurti?» Aceitei.

Caminhámos pelos subúrbios de Roma. Depois de não ter encontrado coragem para lhe falar durante o almoço, de repente, não parava de tagarelar. A dada altura, parámos e ele pousou uma mão no meu braço e disse-me: «Olhe para aquela árvore.»

Olhei — era uma árvore. Olhei para ele. Sorriu. Eu sorri. Continuámos a caminhar. Comigo sempre a falar. Dez minutos depois, voltou a deter-me e pediu-me: «Olhe para aquela nuvem.»

Olhei — de novo, uma nuvem. Não tinha nada de especial, não estava iluminada por dentro, ou qualquer coisa assim: era apenas uma nuvem. Continuámos, e eu a falar.

Foi o meu primeiro encontro com Krishnamurti. No entanto, nunca mais fui o mesmo. Alguma coisa se alterou. Ele fez-me algo, compreendi-o anos depois: usou a sua presença para deter o meu pensamento. E algo dentro de mim começou a esticar-se na minha direção.

A partir de então, sempre que ele dava uma palestra, tentava ir, e da mesma forma ele procurava assegurar-se de que eu era convidado. Frequentemente, nem compreendia o que era dito, mas aperfeiçoava-me sem me aperceber. Em conversas posteriores aconteceria o mesmo: começávamos a conversar sobre coisas materiais como camisas e sapatos, registava-se uma mudança. O tom da sua voz não se alterava necessariamente, mas algo subtil acontecia. Com o que ocorria só posso estabelecer uma ligação com a letra da canção de Cole Porter, «Que estranha a mudança de maior para menor.»

Demorei quinze anos a compreender frases como: «Quando a águia voa não deixa marca» e «O observador é o observado.»

Talvez eu não tivesse certezas a respeito do que ele dizia, mas havia sempre uma mudança.

Terence Stamp

PARTE UM:

EXPLORAÇÕES SOBRE A VIDA

1

NÃO VEMOS, NÃO OUVIMOS

A nortada soprava forte e fria, dissipando o nevoeiro, o cheiro da cidade, o fumo e o ar fétido. As montanhas distinguiam-se bem. O ar era quebradiço, varrendo tudo — as folhas mortas e moribundas. Podias ver ao longe o espaço entre as ilhas, e quase cada arbusto e cada folha na colina. Aquela luz estranha que só existe na Califórnia era mais penetrante do que nunca. Devias ver as colinas recortadas a esta luz, com o céu azul por trás, e então conhecerias a extraordinária beleza desta terra. O sol estava no mar, a manhã, uma vasta folha prateada. Seria agradável olhar para a luz na água e deixá-la entrar no coração, e viver apenas com essa luz e nada mais, sem pensamento, sem amanhã nem ontem, e deixar a nortada soprar a inanidade, a fealdade, a violência e a estupidez que o homem construiu em si pelo seu próprio pensamento e temor. Deixar que tudo isso fosse varrido e ter apenas aquela luz.

«Recomendou muitas vezes que se seja nada, destruir tudo, o bom e o mau, um remetimento ao silêncio, ao nada. Não está a ensinar a total aniquilação do ego e do que dele resulta? Está a dizer às pessoas que vivam uma vida do nada e partindo dessa atitude de negação. Isto é o que *Bhagavad Gita* ou os *Upanixades* dizem à sua maneira: completa e total aniquilação do "eu", do ego, do superego. Como pode isto ser feito? Chega pela meditação ou pelas boas ações? Será uma recompensa pelo comportamento justo? Como é que isto acontece?»

Há dois tipos de ação. Uma traz-lhe recompensa, e a sua realização fortalece-lhe o ego, o «eu». O outro tipo de ação, a que gosta de fazer, não tem recompensa ou punição e não está preocupada com o que os vizinhos possam pensar, ou com os deuses ou os padres ou as suas crenças.

Fá-la porque é a única coisa a fazer. O simples cumprimento satisfá-lo, não pelo céu ou para evitar o inferno. Fá-lo apenas, e nessa realização está a satisfação. É uma ação de libertação da sociedade e nada tem que ver com moralidade. Esta ação deriva do nada. Quando isto existe, pode olhar para o mundo do silêncio desse nada.

Pergunta como acontece. O pensamento tem limites de distância e de dimensão, está amarrado. O pensamento, mesmo que brilhante, claro, percetivo, é, ainda assim, parte do conhecido, e o conhecido não é o tal nada. O pensamento não pode destruir o conhecido, pois ele próprio é o já conhecido. Mas o pensamento deve esforçar-se ao máximo das suas larguras e alturas e ver a sua própria atividade estéril. Também não acontece pela meditação organizada, pois enquanto houver o meditador, a meditação está dentro do campo do conhecido. O importante é o fim do meditador. Portanto, não é a meditação organizada nos seus sistemas, métodos e objetivos, nem a busca ou o refinamento do pensamento. É o olho límpido que vê e o coração límpido que ouve. Ouvir e ver com o ego é uma coisa, ver e ouvir sem o ego é outra. Uma perverte e distorce, a outra vê e ouve simplesmente. Esta audição vem do silêncio do nada. A negação total é a ação total.

«Posso perguntar-lhe o que é realmente a ação de negação? Será para detetar algo na mente que seja falso e, de alguma forma, recusá-lo, dizer que não? Se assim é, então haverá algo a dizer que não. Não pode ser a isso que se refere. Portanto, o que será a capacidade de negação?»

Não há «eu» quando nega, porque o «eu» já foi negado.

«Mas para a maior parte de nós, negar implica a perceção de algo e a sua rejeição.»

Negação é ver e fazer, não duas coisas separadas.

«Mas o que é esse fazer de que fala? Compreendo que tenha de haver uma visão, a perceção de algo, mas tendo visto isso, o que é a ação?»

Não há ação. A própria visão é a negação.

«Quer dizer que se se vir algo, não há alternativa, não há errado, nada há além de ver?»

É isso mesmo. Nós dividimos a ação de ver e perguntamo-nos qual é a ação que surge ao ver. A visão em si é a ação; não há ator na visão. Se houver, não há visão alguma, nem audição quando há alguém que ouve.

«Parece descrever uma qualidade de visão e de audição a um nível bem mais profundo do que aquele que pode ser imaginado pelos humanos.»

Não creio que seja assim tão profundo, penso que é bastante claro e simples. Ouvir ou ver sem o observador, sem aquele que ouve e traduz; apenas os atos de ver e ouvir, e nada mais.

«Mas permita-me que diga que para a maior parte de nós o ato de ver está cercado pelas limitações da própria pessoa. É como se dissesse que para varrer tudo isso é preciso ver, mas que não vemos porque estamos confinados pelas nossas qualidades.»

Estamos confinados pelo «eu», pelo ego e pelo superego.

«Mas não diz que ver e ouvir tal como os descreve afastam o ego e o "eu"?»

Sim, mas é necessário estarmos conscientes do ego, do «eu» que interfere com a visão; e conscientes sem qualquer escolha nessa visão. No momento em que escolhe o que quer ouvir ou o que quer ver começa toda a maldade de agir com um motivo, ou com um desejo, ou por prazer.

«Posso então perguntar-lhe se poderia ser assim: alguém observa algo e deve ao mesmo tempo observar toda a ação que imediatamente se inicia através do ego e através do pensamento, para que possa observar-se ao mesmo tempo a coisa objetiva e também todo o mecanismo subjetivo na mente?»

Seguramente, seguramente. Em primeiro lugar, não vemos, na verdade, não ouvimos. Ouvimos e vemos com a limitação, com os condicionalismos do ego, do «eu» — sendo o «eu» a sociedade, o medo, e por aí fora. É preciso compreender o facto de que não se vê, de que não se ouve. Quando se reconhece esse facto, passa-se para um nível diferente.

«Tentando seguir o seu raciocínio, estou ciente de todas essas coisas. Sugere que ao vê-las, por assim dizer, numa massa, num amontoado, como um facto, podemos passar por elas e libertarmo-nos delas? Ou é necessário dizer «sim, eu vejo isto, isto, isto e isto…?»

Não, não. É preciso ver tudo como um todo e afastá-lo como um todo. Vê-lo como um todo é terminá-lo.

«Mas isso é algo muito perigoso, porque a mente apanhada em pensamentos é capaz de dizer: "Sim, há o fator de condicionamento, há o fator do pensamento, eu vejo-o" — sem o ver realmente. Entende-o como uma cifra.»

Isso é uma pretensão, é uma vaidade de um sentido de visão. Deixámos bem claro que não é possível ver ou ouvir quando há uma qualquer interpretação, quando há uma qualquer ligação.

2

COMO PODE O CENTRO ACABAR?

As montanhas estavam plenas de solidão. Chovia intermitentemente há três dias e as montanhas mostravam-se verdejantes de luz. Quase se tinham tornado azuis, e naquela plenitude tornavam os céus ricos e bonitos. Pairava um grande silêncio, ao contrário do mar; quando caminhavas sobre a areia da praia, a rebentação das ondas fez muito barulho. Aí não havia silêncio exceto no teu coração. Mas naquele caminho sinuoso pelas montanhas, o silêncio estava por toda a parte. O barulho da cidade, o ruído do tráfego e o estrondo das ondas não podiam ser escutados. Era uma bela tarde e, com o sol a pôr-se, alguns dos topos das colinas pareciam vivos, ter luz própria.

«A ação intriga-nos sempre e tudo se torna ainda mais desconcertante quando nos apercebemos da complexidade da vida. Há tantas coisas que deveriam ser feitas e outras que precisam de ação imediata. O mundo à nossa volta muda tão rapidamente — os valores, a moralidade, as guerras e a paz — que nos sentimos perdidos perante o imediatismo da ação. No entanto, estamos sempre a questionar-nos sobre o que fazer, confrontados com o enorme problema de viver. Perdemos fé na maior parte das coisas — nos líderes, nos professores, nas crenças — e, todavia, desejamos muitas vezes, por um qualquer princípio, que funcione, algo que ilumine o caminho, alguma autoridade que nos diga o que fazer. Mas também sabemos no íntimo que todas estas coisas estão mortas e desaparecidas. Porém, invariavelmente voltamos, perguntando-nos o que significará tudo isto e o que deveremos fazer.»

Como se entende, agimos sempre a partir de um centro que se contrai e se expande. Às vezes é um pequeno círculo e noutras é abrangente, inclusivo e completamente satisfatório. Mas é sempre um centro de sofrimento e tristeza, de alegrias fugazes e misérias, o arrebatador e doloroso passado. É um centro que muitos de nós conhecemos, consciente ou inconscientemente. É do centro que agimos e onde temos as nossas raízes. A questão sobre o que fazer, agora ou amanhã, é sempre feita a partir do centro, e a resposta é sempre reconhecida pelo centro. Tendo recebido uma resposta, de outra pessoa ou de nós, agimos de acordo com a limitação do centro. É como um animal amarrado a um poste, com a ação dependente do comprimento da corda. Esta ação nunca é livre e, portanto, há sempre dor, maldade ou confusão. Compreendendo isto, o centro diz para si mesmo: «Como posso ser livre para viver feliz, aberto, agindo sem lamento ou remorso?» Mas é, no entanto, o centro que está a colocar a questão.

Este centro é o passado. É o «eu» com as suas atividades egocêntricas, que só conhece a ação nos temos da recompensa e do castigo, do sucesso ou do fracasso, com razões, causas e efeitos. É apanhado nesta corrente. Esta corrente é o centro e a prisão.

Há a outra ação que surge quando há um espaço no qual não há centro, uma dimensão onde não há causa e efeito. A partir daí, viver é ação. Não tendo centro, tudo o que é feito é livre, feliz, sem a dor do prazer. Este espaço e liberdade não são o resultado do esforço e do alcançar de algo: quando o centro acaba, o outro é.

«Mas como pode o centro acabar? O que tenho de fazer para acabar com ele? Que técnicas, que sacrifícios, que grandes esforços tenho de empreender?»

Nenhuns. Ver sem qualquer escolha as atividades do centro; não como observador, não como um estranho a olhar para dentro, mas apenas observar sem o censor.

«Não consigo, estou sempre a olhar com os olhos do passado.»

Então tenha consciência de que está a olhar com os olhos do passado e lide com isso. Permaneça com isso; não tente fazer nada a esse respeito. Seja simples e saiba que o que quer que tente fazer é a resposta dada pelo próprio desejo de lhe escapar, e que isso só vai fortalecer o centro. Portanto, não há escapatória, não há tentativa nem desespero. Então poderá ver o verdadeiro significado do centro e o imenso perigo que constitui.

3

O FLUXO DA VIDA

Ele era um homem alto, bem-vestido, com olhos particularmente acutilantes. Estudara budismo porque tal lhe prometia enriquecimento intelectual, e porque gostava do estilo de vida budista. Ainda que tivesse nascido cristão, não havia sentido no cristianismo para lá do serviço do amor a Deus, ajudando o homem a tornar-se mais desamparado. Nem sequer o budismo o satisfazia e, portanto, também o abandonou, ainda que brincasse vagamente com uma ou outra perspetiva filosófica, um ou outro professor. Mas a sua mente estava aguçada, alerta, questionando e explorando. Sentou-se numa poltrona bastante confortável, de pernas cruzadas. Os sapatos estavam bem polidos. Podemos dizer muita coisa a partir das mãos. Tinha mãos fortes, mas finas. Disse que jardinava bastante e que as flores lhe davam grande satisfação, pelo que mantinha o seu relvado livre de dentes-de-leão e ervas daninhas. Referiu que tinha uma grande casa, uma mulher, mas não tinha filhos. Pela descrição que fez da casa, devia ser agradável, cheia de velho mobiliário e com pisos bem polidos. Parecia gostar de boa comida. Era de perguntar a razão pela qual contava tudo isto.

O quarto era muito agradável, com uma carpete verde e cortinas adoráveis. Dava para um grande relvado e uma magnífica tulipeira que florescia admiravelmente no início dos verões. À esquerda havia um magnífico cedro, velho e preparado para morrer. Para lá do relvado ficava um bosque, matas e campos. Era um local agradável e pacífico, livre do tráfego. Havia uma grande beleza e quietude. Podia sentir-se o planeta. Existiam árvores a toda a volta, velhas, carregadas de folhas,

com formas lindas. Naquele entardecer projetavam sombras amplas. Era adorável contemplá-las e, enquanto o fazias, o planeta mudava. Tudo parecia vivo e parecias fazer parte de tudo, não apenas aquela cadeira dura, mas lá fora, parte da palpitante beleza e quietude. Não te identificavas com elas; não era um processo intelectual de identificação, mas, antes, eras parte delas. Eram tuas amigas. Os suspiros delas eram os teus suspiros e o seu movimento era parte da tua mente e do teu coração. Também não era imaginação, pois essa pode aplicar-te truques, iludir-te com fantasias, reações hipersensíveis e voos falsos para os estados emocionais chamados amor. Não era qualquer destas coisas. Não havia separação entre ti, o planeta, os céus e as árvores. As cores do relvado verde e das sombras profundas eram as cores da tua mente e do teu coração. O amarelo não aspira a amarelar mais. O relvado verde estava tão fantasticamente vivo na luz da tarde que todas as partes de ti eram o relvado. Um pavão atravessou o relvado e foste com ele, desaparecendo atrás do arbusto.

O homem disse: «Vim à reunião desta manhã e às outras. Um riacho passa junto da minha casa, um agradável e sombrio riacho. Vagueia por muitas poças que eu abri, mas o fluxo principal continua. Abri outros, e isso é o meu trabalho. Duas ou três vezes por semana, faço outros tipos de trabalho para adicionar aos parcos rendimentos. Mas pareço encalhado. Não sei exatamente o que se passa comigo. Posso pensar, argumentar de forma justa e inteligente. Li bastante, mas acho tudo vazio, e a minha vida parece ter estagnado. Até as flores e o relvado de que tão cuidadosamente cuidei estão a perder o seu encanto.»

Há o riacho que passa pela sua casa, passa e continua a passar, e tem de abrir pequenas poças para as quais a água entra e nas quais fica, para que cresçam os lírios. Você é um pouco como isso, não é? A viver em pequenas poças, confortável, evitando os perigos, satisfeito? E o riacho continua, o fluxo da vida.

«Sim, entendo o que quer dizer. Foi mesmo isso que fiz. Que estranho que o tenha detetado tão rapidamente.»

Ele ficou sossegado por um momento, olhando-me, surpreendido. De seguida, perguntou: «O que tenho de fazer agora?»

A sala encheu-se de silêncio e a sua questão circulou no meio do silêncio. Ele procurava a sua própria resposta. Não conseguiu, e então repetiu a pergunta: «Como podem deixar-se as pequenas poças que

abrimos para nós mesmos, o jardim, a casa, os livros, a mobília e a mulher, e entrar no fluxo e nele correr para sempre?»

Um rio flui sobre cada obstáculo porque tem um grande volume de água atrás. Pode formar pequenas poças ou vagarosos remansos, mas é o rio a formá-los, e nas estações chuvosas todos irão ser levados pelo grande caudal. O rio corre sempre, passa as rochas, as ilhas, os campos. O rio é inesgotável, a vida também.

«Devo deixar ir as pequenas poças que tão cuidadosamente abri, o meu relvado e as minhas árvores?», perguntou.

Não há resposta. Há o admirável fluxo com as sombras e a corrente que flui rapidamente, e as poças, algumas enriquecidas e outras estagnadas. Não há um «como». Se pergunta como, então nunca irá sair das poças, da casa e do jardim. Estará sempre sentado na margem a ver o fluxo que passa. Nunca há «como», apenas o ato de entrar no fluxo e correr nele para sempre.

4

A IGNORÂNCIA DE SI MESMO É A CAUSA DO CONFLITO

«O que é o conflito? Li muitos dos seus livros e penso que sou capaz de entrar nas coisas, em mim, nas complexidades dos relacionamentos. Estou também ciente do mundo que me rodeia e da injustiça social. Estudei vedanta e penso que compreendo as coisas a nível intelectual e efetivo. Discuti temas religiosos com muita gente em todo o mundo, com académicos e estudantes. Se assim posso dizê-lo, penso que tenho um cérebro suficientemente apurado, e quando pergunto o que é o conflito, não é que queira uma definição ou uma panaceia para o resolver. Pergunto-o porque me parece que toda a vida é conflito, todo o relacionamento é conflito, tudo o que alguém faz ou não é stresse e tensão. Existem o conflito temperamental entre dois seres humanos, o de carácter, o de intenções, o da vontade e do desejo. Há o conflito da frustração, das expetativas frustradas, o da confusão — não conseguir lidar consigo próprio ou com uma situação. Então há o conflito da nossa vida diária, e também os conflitos mais enraizados dos quais só nos apercebemos pela rama. A luta é esmagadora, aparentemente inevitável, e batemo-nos contra tudo isto. Existe a contenda do são e a contenda do neurótico. A vida é uma batalha. Alguns dos conflitos surgem de tendências profundamente radicadas, quer sejam herdadas ou adquiridas, resultando do temperamento ou do condicionamento.»

Poderemos dizer que a maior parte dos nossos conflitos, quer sejam de temperamento, de carácter ou adquiridos, é o resultado de condicionamento? Será todo o conflito o resultado da nossa perceção limitada, da nossa limitada compreensão de nós mesmos? Diria que, compreendendo-nos, o conflito chegaria a um fim? Ou será antes o conflito algo

sobre o qual não temos qualquer tipo de controlo? E se estiver para lá da nossa capacidade controlá-lo, haverá nisso algum problema? É o conflito ignorância? Há o conflito de facto e há milhares de explanações e descrições das suas variedades. Depois, coloca-se a questão: pode alguma coisa ser feita a esse respeito? O que é o conflito? Quando tomamos consciência dele?

«Quando nos magoa, ou quando há uma procura por mais prazer.»

Está consciente do conflito a qualquer momento ou só às vezes?

«Só às vezes.»

Porquê só às vezes? O que se passa quando não está consciente do conflito? Está a sonhar acordado, ocupado com outras coisas, distraído, entretido?

«Quando não estou consciente disso, não há conflito, ou então, quando não há conflito, não estou consciente disso.»

Portanto, só está ciente disso quando há conflito.

O conflito torna-o ciente da sua existência, pela dor, e por aí fora. Não é, pois claro, a consciência que provoca o conflito! Então o que acontece quando não há conflito? Quando a mente está completamente absorvida por algo e ocupada, nesse estado, não há conflito. É o que todos queremos, algo que nos absorva de modo que possamos esquecer-nos de nós. Mas o conflito está apenas em suspenso — ainda está lá, e volta mais forte do que nunca quando a tal ocupação termina. Então exigimos estar ocupados a toda a hora. Cada vez mais nos asseguramos de que estamos ocupados de forma que o conflito, que está sempre ao virar da esquina, não apareça na nossa cabeça. A mente é como uma criança absorvida por um brinquedo. Enquanto este lhe despertar interesse, ela entretém-se; quando o brinquedo se parte ou outra criança o leva, a criança chora. É isso que nos está a acontecer. Quando não estamos absorvidos por uma ocupação, estamos ocupados com o próprio conflito. Seja o que for — carreira, atividades sociais ou políticas, sexo, entretenimento, Deus ou o país —, iremos defender essas coisas a todo o custo, porque tememos enfrentar o sempre presente conflito. Portanto, ou estamos ocupados com a ocupação, ou ocupados com o conflito; e a ocupação traz de volta os seus próprios conflitos.

Então, estas são os três pontos: há a absorção por um «brinquedo», a absorção por um conflito e, em terceiro, ambas estas coisas são resistência àquele estado de espírito vazio, medo daquele estado de espírito

que não está ocupado de todo. A mente mesquinha e superficial quer ser absorvida pelo brinquedo ou pelo seu próprio conflito. O conflito é egoísta, e a absorção pelo brinquedo é aparentemente altruísta. Mas o egoísmo e o aparente altruísmo são o mesmo. A compreensão destas três coisas é a compreensão de si mesmo. É a ignorância de si mesmo a causadora do conflito.

«Está a dizer que a compreensão destas coisas, que constitui a compreensão da nossa natureza, representa o fim do conflito?»

Quando se compreende a si mesmo, o conflito termina. Portanto, o conflito é a ignorância do molde em que ele próprio consiste, e o próprio molde é a sua existência. Detetar isto de forma não verbal é acabar com ele.

«Pretende dizer que não devo estar ocupado com o que quer que seja?»

Pode estar ocupado e, no entanto, não estar absorvido. Se estiver ocupado por um motivo do qual não está ciente, então está a resistir ao conflito, ainda que esse facto possa encontrar-se escondido. Porém, se prestar suficiente atenção ao que está a fazer, essa atenção não está a ser engendrada pelo conflito escondido ao virar da esquina, do qual tenta escapar. A atenção é sem motivo.

«Se estiver a fazer algo de que gosto, esse gosto não é o motivo?»

Se adora fazer algo, gosta disso. Aí, não há conflito. O gosto é a beleza desse amor. Se fizer algo assim, pelo amor que tem por isso, não há motivo, e logo não há conflito. O gosto, nesse sentido, não é um pecado. Mas o medo de perder esse gosto é outra vez um conflito. A medida da mente é o conflito: perda, ganho, futilidade. Portanto, ninguém se pergunta se a mente pode estar num estado de atenção e, nesse sentido, de amor, sem estar absorvida por algo.

«O surfista que aproveita uma maravilhosa onda com toda a sua alma e uma criança que brinca com um brinquedo, não estão ambos absorvidos?»

Claro que sim.

«No entanto, diz que se se fizer algo por amor e gosto, isso é inteligente, e diferente de estar absorvido.»

Você possui, domina, agarra-se ao que o absorve, e quando isso lhe falta, volta para as suas lágrimas, como a criança. O homem que gosta do que está a fazer não está possuído pelo que está a fazer. O homem que

gosta é anónimo. O homem que possui é clamoroso; para ele, há conflito, e não para o outro. O importante em tudo isto é não ser possuído por aquilo que o ocupa. A liberdade é o fim do conflito. Quando está ligado, sente dor. Ao sabê-lo, diz: «Tenho de me desligar.» E nesta tentativa de se desligar há conflito, o que é o mesmo que estar ligado.